

Desafios atuais no ensino de língua: reflexões e propostas

Maria Aparecida Lino Pauliukonis*

Este artigo objetiva refletir sobre algumas questões relativas ao ensino de leitura e de produção textual e apresentar alternativas, tomando por base o aporte teórico das ciências da linguagem, sobretudo as teorias do texto e do discurso. Embora não pareça haver dúvidas da importância fundamental do texto no ensino de língua, por ser ele a verdadeira unidade de sentido, um dos maiores problemas é articular o conhecimento gramatical fornecido nas aulas de gramática com o desenvolvimento efetivo da capacidade textual do aluno. Esse é um dos desafios que se apresentam para a escola, mas as soluções parecem longe de um consenso.

Constitui lugar comum afirmar que um dos objetivos do ensino de Português é “aprimorar o desempenho comunicativo dos alunos”, - como defendem os PCNs -, pois a língua é o elo integrador de todas as disciplinas e o principal instrumento para uma participação mais efetiva e consciente do alunado na sociedade. A prática, no entanto, contradiz essa crença: exames nacionais e internacionais de avaliação da capacidade de compreensão de textos colocam o Brasil nos últimos lugares, conforme noticiado amplamente pela imprensa, o que significa que alunos saem da escola como analfabetos funcionais, eufemismo que nomeia os que não conseguem interpretar ou produzir textos de relativa complexidade.

* Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pós-doutora em Análise do Discurso pela Universidade Paris XII, coordenadora do CIAD.

Tradicionalmente o ensino de leitura e produção textual tem enfrentado dificuldades de várias ordens: em primeiro lugar, porque não apresenta conteúdo programático bem definido como o que existe para a Gramática da Frase, no campo da fonologia, da morfologia e da sintaxe, por exemplo; em segundo, pelo pouco espaço dedicado a ele pelos professores sobrecarregados pelos extensos programas de descrição e reconhecimento dos elementos componentes da frase.

Em função disso, sobra pouco espaço para aulas que focalizem o texto como discurso e busquem o desvendamento de operações linguístico-discursivas; muitas vezes, as aulas de leitura e de interpretação resumem-se ora a discussões periféricas sobre o conteúdo das proposições, ora ao uso do texto como pretexto para exercícios fragmentados de aplicação do conteúdo gramatical. Em resumo, a escola continua a ensinar seus alunos a escrever e a analisar frases e períodos, e a cobrar-lhes a confecção de textos coesos e coerentes.

A partir dessa problemática, enfrentada pela escola, uma questão crucial ainda se apresenta: embora todos estejam concordes sobre a importância do texto e dos estudos textuais, falta-lhes uma sistematização desses conhecimentos para que possam ser trabalhados didaticamente.

Se há algo a ser destacado, em termos consensuais, na compreensão dos fatos da linguagem, é o atual deslocamento dos estudos do eixo texto-enunciado para o do texto-enunciação, em que se tornam mais transparentes os fenômenos enunciativos e o papel dos sujeitos enunciadores. Essa nova tomada de posição permite pensar em uma revisão dos conteúdos tratados pela gramática da frase, tendo por meta uma nova visão discursivo-interativa da linguagem.

Um novo conceito de texto

Primeiramente, é preciso adotar-se uma outra concepção de texto: abandonar a noção de que ele é um produto pronto e acabado que sai da mente de um Autor, a que deve se conformar a intuição do leitor. Um novo enfoque de texto visto como discurso tem por objetivo considerar a importância da compreensão do seu sentido global pelo exame dos mecanismos produtores desse sentido. Em vez de simplesmente fixar o conteúdo das proposições - ou o *que* o texto diz - evidenciar o processo interacional entre um enunciador e um leitor, o qual se torna um co-enunciador do texto; analisar *como* o texto diz algo e, ao dizer, que *efeitos de sentido* consegue transmitir e, ainda, o mais importante: *de que meios linguísticos e operações discursivas* se vale a

estruturação textual como um todo.

Nesse sentido, considera-se a importância da análise da noção de estratégia linguístico-discursiva como um instrumento de decisão antecipada que fornece meios para execução de qualquer sequência de ações, a fim de se obter uma resposta mais rápida e eficaz. Pressupondo-se que os processos de produção/intelecção de textos apresentam uma natureza *estratégica*, a análise de um texto tem por fim distinguir os recursos envolvidos na resolução de problemas relativos à interpretação de sequências textuais. Assim, primeiramente, é necessário fazer considerações a respeito do conceito de *estratégia*.

O que se entende por *estratégia*?

O termo estratégia provém da linguagem militar e significa a busca pelo melhor caminho para se concretizar algo. Isso inclui planejamento, surpresa, cooperação, encurtamento de caminhos e objetividade, entre outros requisitos. No caso do ambiente militar, o termo é usado quando se empregam certas técnicas com o intuito de se ganhar uma ou várias batalhas.

Na interpretação do texto, como lembra Bernardez (1997), examinar estratégias é analisar a técnica ou a busca pelos caminhos de que se valeu o Autor para melhor se aproximar de seus leitores e conseguir a adesão dos espíritos ao que ele propõe. Se o texto pretende emocionar, chamar ou prender a atenção, fazer rir ou causar terror, diferentes serão os meios linguísticos empregados; enfim, deve-se tentar descobrir as várias técnicas de comunicação que o sistema linguístico coloca a serviço do enunciador de um texto e que vão ser recuperadas, conscientemente ou não, pelo leitor. Esse processo de leitura pelo reconhecimento de técnicas de composição do texto é passível de ser ensinado, com sistematicidade, aos alunos e produz resultados bastante positivos em qualquer nível de ensino.

Para isso, parte-se do pressuposto de que interpretar constitui um trabalho de reconstrução de sentidos, uma operação interativa que demanda uma articulação de diferentes fatores; não é apenas uma decodificação dos elementos instrucionais, mas o reconhecimento de estratégias realizadas e que configuram os sentidos virtuais, passíveis de recuperação por processos de inferência, análise de pressupostos e implícitos situacionais de diversas ordens.

Dessa forma, decifrar um texto é mobilizar um conjunto diversificado de competências (linguísticas, semântico-pragmáticas e situacionais) para percorrer, de modo coerente, uma superfície discursiva orientada

de um emissor para um receptor, temporalmente, e que constitui o texto. Isso não significa que a compreensão seja um processo de integração linear sem o menor obstáculo, pois, como sublinha Teun Van Dijk (1992, p. 32), com propriedade,

[...] os processos de compreensão têm uma natureza estratégica, pois muitas vezes, a compreensão utiliza informações incompletas, requer dados extraídos de vários níveis discursivos e do contexto de comunicação e é controlada por crenças e desígnios variáveis de acordo com os indivíduos.

Essa concepção de leitura e análise das estratégias permite considerar a importância de se decifrar alguns processos de que se valem os leitores para interpretar os textos. Assim, as antecipações, os reajustes constantes, os resumos, as paráfrases e os percursos feitos pelo leitor vêm demonstrar que, decididamente, a leitura não segue um roteiro linear. Essas operações mobilizam vários conhecimentos, referentes aos enunciadores e ao contexto da enunciação, ao reconhecimento dos gêneros discursivos e tipos de texto com suas funções, restrições e finalidades sociais. Com um saber só linguístico, *stricto sensu*, a leitura seria ininteligível. Não se pode esquecer, também, que, no ato de uma simples leitura, a interferência de outros textos, pela relação de intertextualidade, obriga o leitor a tecer hipóteses interpretativas que excedem o sentido literal dos enunciados. Em uma palavra, é preciso estar atento ao emprego estratégico de elementos linguísticos e extralinguísticos, de várias ordens, presentes em qualquer texto, independentemente do gênero, que garantirão a coerência de uma interpretação.

Importância do contexto

Diante de tantas variáveis, faz-se necessária uma atenção especial à noção de *contexto*, aqui tratado em sentido bastante amplo, em suas vertentes sócio-históricas e interacionais. O tratamento de uma única frase ou de um fragmento qualquer de texto exige atenção ao contexto. A Língua só expressa parte do que se quer transmitir, por isso para saber interpretar textos não basta conhecer a Gramática da Língua, o aluno deve ser instruído quanto ao valor do contexto sócio-histórico em que o texto foi produzido, reconhecer que o Autor teve certas intenções, que podem ser recuperadas por meio do exame das operações linguístico-discursivas utilizadas, em resumo, observar as “condições de produção”; todo texto pertence a um Projeto de interação, que o torna discurso.

Se todo discurso é a configuração de uma intencionalidade comunicativa, ao se interpretá-lo, busca-se recuperar essa intencionalidade a partir da relação entre as proposições encontradas e o conhecimento partilhado que se tem do mundo, o que permite estabelecer várias coerências em níveis linguísticos e pragmáticos.

A concepção que se está adotando, sobre o texto como uma unidade interativa de comunicação funcional, construída na interlocução, é válida também para o ensino da Gramática da Frase. Parte-se do preceito que não há frases isoladas, pois todas fazem parte de um texto; assim, diante da seguinte pergunta: - *Você sabe onde fica a Biblioteca?* - pode-se fazer a interpretação, a partir de algumas possibilidades: hipótese 01 - a pessoa quer ir até lá, para consultar um livro, contexto cultural mais provável; pode-se também considerar a hipótese número 02 - quer-se devolver um livro, como um favor para alguém que o tenha levado, ou ainda a de número 03 - pode ser que esse alguém queira ir a um lugar que tenha a Biblioteca como referência; o banheiro, por exemplo, ou determinada sala, perto da Biblioteca. Nesse caso, sua localização exata é uma referência importante. Uma resposta, por meio de um monossílabo, como essa: - *Sei* - não será suficiente para o interlocutor, pois há que se completar a informação pelos entornos exigidos pelo quadro de localização: *no final do corredor, à direita, ou à esquerda*, por exemplo. Tais exigências derivam das regras de atuação social.

Desse modo, uma pergunta impõe-se a todos como *um ato de fala* ritualizado que demanda sempre uma resposta, que só pode ser definida em função do contexto e dos participantes do ato interativo. Uma indagação - *Você fuma?* - feita por um médico que examina o raio-X de seu paciente, iniciará um diálogo bem diferente de uma outra feita por um homem com um cigarro na mão, dirigindo-se a uma outra pessoa. A pergunta tanto pode servir para um pedido de fósforo, neste último contexto, ou para uma admoestação do especialista que examina o raio-X de seu paciente, como naquele. Uma simples afirmativa como esta: - *A sopa está sem sal* - pode significar uma crítica à cozinheira ou apenas um pedido de um pouco mais de sal; tal é a importância do contexto situacional que uma admoestação como essa: *Seu cardiologista não vai gostar disso* - é perfeitamente possível.

Assim como existe uma lógica das ações do dia a dia, essa mesma lógica vai se refletir nos textos e todo processo de interpretação deve considerá-la. Conclui-se que qualquer frase não tem um significado final - sentido - em si mesma, devendo ser atualizada no e pelo contexto. Um outro exemplo para ilustrar essa dinâmica é o que ocorre

diante de uma frase como esta: “*Ela encontrou ontem seu gato, no portão de entrada do prédio*”. A informação permite que se pense no namorado “fofinho” ou em seu felino de estimação, são essas as hipóteses mais plausíveis, devido ao quadro delineado. Em uma outra situação, porém, “*gato*” pode significar coisa bem diferente, como o caso relatado por uma conhecida: certa vez, um casal que se dispunha a adquirir um imóvel ficou intrigado quando, durante a compra, os donos insistiam em oferecer como brinde o *gato* que estaria incluído no preço, sem acréscimo algum. Ao acrescentar que não gostava de bichos e que os antigos proprietários podiam levar o felino, a pretendente ao imóvel foi informada pelo corretor de que *gato* não era o bichano, era o da luz e que isso era, em tempos de *apagão* e sobretaxas no consumo de eletricidade, um brinde, uma vantagem a mais na compra da casa.

Portanto, como se vê, o sentido é um componente do uso linguístico em uma dada situação, e, nesse caso, a conclusão vale tanto para o sentido literal como para o figurado; todos exigem um contexto específico de uma determinada situação social, sendo que, em um texto, até o sentido literal fundamenta-se em base contextual.

De que modo pode ser possível deduzir como as regras codificadas para a construção de frases, descritas pela Gramática da Frase, podem ajudar a decodificar o sentido de um texto, ou seja, como se processam linguisticamente as estratégias discursivas utilizadas na construção de diversos gêneros de textos, recuperadas nos processos de interpretação e de produção textuais? Em outros termos: como conciliar as regras de construção da frase com regras da construção textual, ou ainda, no processo de discursivização da Língua, como se dá a passagem do *sistema linguístico ao discursivo*?

Da Língua ao Discurso

O processo de discursivização corresponde a um conjunto de operações linguísticas capazes de transformar a Língua em Discurso; elas permitem a passagem do *significado* (sentido genérico da Língua) para a *significação* (sentido específico do Discurso).

Poder-se-ia indagar como fazer para que o significado ganhe significação. Para responder a essa questão, é preciso considerar que um texto se materializa em unidades linguísticas, a partir das intenções de um determinado falante/escritor e são necessários processos que dizem respeito à construção textual e envolvem o manuseio de elementos linguísticos.

Admitindo-se que qualquer texto é o resultado de uma série de

operações estratégicas a partir de um mundo real, extralinguístico ou pré-textual, o processo de interpretação necessita abranger a análise das operações realizadas em duas instâncias diferentes e sequenciais: primeiramente, no processo de transformação, ocorre a escolha do material linguístico e a operação de relacionamento entre entidades, atributos e processos; depois, em um nível macrotextual, organiza-se o resultado dessas operações nos modos específicos de organização discursiva: narração, descrição, argumentação - para a composição dos diversos gêneros de textos.

As operações do *processo de transformação* são efetuadas sob uma espécie de “liberdade vigiada”, segundo as diretivas do *processo de transação*, o qual confere a elas uma orientação de sentido, ou seja, não se pode considerar isoladamente cada processo, uma vez que os dois são interdependentes e complementares.

Processos de discursivização

Processo de transformação

O primeiro processo é o da seleção linguística e abrange algumas operações, que permitem a semiotização do mundo. São elas:

- **operação de identificação** - designa os seres e trata de nomear e classificar os elementos discursivos, chamados de entidades - processo de substantivização, como ocorre em *igreja, sapato, cafezal, escola, exército etc.*
- **operação de determinação** - por meio da qual se cria uma realidade individual que pode ser trazida para a situação interativa. Cumprem esse papel os artigos, numerais, pronomes e advérbios dêiticos que atuam na delimitação e especificação dos seres e dos interlocutores do discurso; exemplos: *O livro que comprei; dois quadros; meu terno; ele faz assim e eu de outra forma; não aprovo isso etc.*
- **operação de caracterização** - consiste em atribuir propriedades objetivas ou subjetivas aos seres ou mesmo informações a seu respeito (o processo de caracterização faz-se por meio da adjetivação, em sentido amplo) - como em *sábias palavras, prédio antigo, aluno inteligente, água que passarinho não bebe.*

É preciso que se lembre que operação discursiva da caracterização dos seres pode se dar de três modos: (1) a identificação ou caracterização objetiva: como se vê em *bolsa marrom, sapato preto*; (2) as qualificações ou avaliações subjetivas - *filme interessante, problema difícil*;

e (3) as informações que são apresentadas como do conhecimento do enunciador - *quadro que recebeu de herança, filme de Bruno Barreto, livro da Biblioteca; declarações feitas pelo Ministro da Saúde.*

- **operação de processualização**, ou *representação de fatos e ações* - que permite identificar as mudanças na relação entre os seres (processo de verbalização); são as que recobrem os verbos de ação, de estado ou de processos/acontecimentos: *ele saiu, voltou, está bem, dançou, viajou* etc.
- **operação de modalização/explicação** - revela as razões de ser e fazer do emissor e, assim, recobre todos os modos pelos quais o sujeito da enunciação posiciona-se frente ao que é dito, reafirmando suas certezas, colocando suas dúvidas, interrogações, imposições etc.; essa operação marca o ponto de vista do locutor sobre alguns elementos discursivos, como se pode observar em exemplos modalizados: *não tenho certeza; talvez ele não venha...; ele não deve sair pois...; Não há empecilhos, portanto, ele pode casar-se com ela; Isto não vai acontecer, com certeza.*
- **operação de relação** - demarca os laços coesivos e especifica as regras de combinação e hierarquização, nos níveis sintático e semântico. Tal processo se faz por meio do emprego de preposição, conjunção, pronomes relativos e outros tipos de conectores (certos advérbios e locuções prepositivas): *Ele saiu mas ainda não voltou; se eu puder, irei à sua festa, porque ele é meu amigo... Devido a falta de chuva, tiveram que abandonar a casa.*

Dessa forma, resumidamente, entidades, atributos e determinantes, processos, modalidades e conectores são os elementos discursivos encarregados do processo de *semiotização do mundo*, realizado sempre textualmente, por meio de uma gama variada de estratégias linguísticas, expressas em gêneros textuais.

Processo de transação

Corresponde à organização dos elementos discursivos em textos, segundo os procedimentos ou formas/modos de organização; temos quatro modos básicos, a saber: *modo narrativo, modo descritivo, modo argumentativo e modo enunciativo.*

- *Modo narrativo*: a uma visão dinâmica, de sequenciação cronológica de fatos e ações envolvendo seres protagonistas e antagonistas, em função de um determinado tempo e lugar, em uma lógica coerente de causas e efeitos, marcada por um propósito do enunciador, corresponde o

- ponto de vista *narrativo*, que, a partir de um fato, busca definir uma mensagem ou moral da história.
- *Modo descritivo*: A uma visão estática, em que se propõe reconstruir o mundo de forma descontínua, atendo-se a enumeração de detalhes, ou de certas aspectualizações de objetos ou seres em foco, analisados em suas partes constituintes e localizados no tempo e no espaço, corresponde o ponto de vista *descritivo*.
 - *Modo argumentativo*: A uma visão dialética em que, a partir de um tema, o sujeito argumentador organiza uma proposição ou tese - constituída de uma ou mais asserções que dizem algo sobre o mundo - em função de que ele deve assumir uma posição contra ou a favor, ancorada em justificativas, provas ou argumentos, corresponde o ponto de vista *argumentativo*.
 - *Modo enunciativo*: Um processo regulador em que o sujeito enunciador se posiciona em função do que ele constrói, constituindo-se esse modo de organizar o discurso como uma avaliação sobre a matéria linguística elaborada. Tal processo corresponde à modalização em sentido amplo, ou à explicação do papel do enunciador no texto, situando-se o enunciador em relação ao que produz e a seu interlocutor.

Esses modos ou sequências de organização da matéria linguística podem se realizar em diferentes gêneros textuais, reconhecidos por cumprirem uma função social, nas modalidades oral ou escrita e em situação monológica ou dialógica.

O importante é ressaltar que a interpretação textual permite colocar em evidência procedimentos genéricos que são típicos do modo ou dos modos como eles se organizam no discurso, e o reconhecimento dessas generalizações contribui para os processos de desvendamento dos sentidos do texto. Um texto pode se constituir de um ou vários modos de organização e a seleção dos elementos constitui, em si mesma, uma importante estratégia argumentativo-persuasiva do leitor. Dessa forma, é possível selecionar os dados da descrição, os fatos da narrativa e os argumentos da dissertação argumentativa e adequá-los aos objetivos pretendidos pelo enunciador.

Análise de texto como discurso

A visão do texto como discurso permite dizer que os objetos produzidos na e pela enunciação são resultantes de um processo dinâmico de *referenciação* e não de referência apenas, o que permite dizer que a Língua não é a tradução da realidade, como defendem os adeptos do

representacionismo, e nem serve apenas como instrumento ou elemento mediador entre emissor e receptor, como predizem as teorias da comunicação estática, mas deve ser vista como uma máquina geradora de realidade, *criadora de referências textuais* ou de objetos construídos pelas estratégias de construção do discurso (cf. Marcuschi, 2004).

Como forma de exemplificar esse processo de recriação do real, ou de sua transmutação em discurso por meio de operações discursivas de transformação e de transação, analisar-se-á o texto *O desconhecido da camisa branca*, parte de uma reportagem publicada na *Revista Veja*. O fragmento analisado enfoca o caso do *desconhecido da camisa branca, anônimo estudante chinês*, que enfrentou uma coluna de tanques na Avenida da Paz Eterna, fato que foi registrado por câmeras e transmitido para o mundo todo.

O texto será visto como *resultante* de um processo enunciativo, em que o *objeto do discurso* vai sendo construído ao longo do texto por índices enunciativos que denunciam a presença do sujeito enunciativo, que recria um simulacro discursivo do real, por meio de uma visão impregnada de designações e atribuições avaliativas. Destacam-se os pontos de interferência do sujeito enunciativo no campo da seleção lexical para a reconstituição dos referentes, no uso de indeterminantes e de determinantes e no emprego de um operador explicativo reformulativo.

A seguir, o texto:

Um homem sozinho, com uma jaqueta em uma das mãos e um embrulho na outra, com ar de quem tanto podia ter saído de uma manifestação como estar a caminho do trabalho ou das compras, ou seja, um anônimo. Um homem de camisa branca e calças pretas. Um chinês num oceano de 1.1 bilhão de chineses. Um desconhecido. Sobre a montanha de cadáveres com a qual o regime chinês reafirmou sua tirania na semana passada, ao reprimir com punho impiedoso os estudantes reunidos em nome da democracia na Praça da Paz Celestial, esse cidadão anônimo fixou uma imagem poderosa. Durante seis minutos, na manhã da última segunda-feira, o homem da camisa branca brincou de dançar com a morte. Sozinho, em plena Avenida da Paz Eterna, ele enfrentou uma coluna de tanques.

A cena foi registrada pelas câmeras da televisão americana e estremeceu o mundo inteiro. De frente para o tanque que liderava a coluna, o cidadão desconhecido parou uma fileira de 23 mas-

todontes blindados. Em seguida subiu no primeiro tanque: “Por que vocês estão aqui? Gritava. Sem resposta, desceu. E continuou na frente do urutu chinês. O tanque tentou desviar para direita, o homem interrompeu a passagem. Voltou para o centro, lá estava ele de novo. O balé letal só terminou quando um grupo de pessoas tirou o toureiro de tanques do meio da avenida.” (O desconhecido da camisa branca - Revista Veja, 14/06/1989). (Os grifos foram feitos para enfatizar o processo de recriação do objeto discursivo)

Estratégias para destaque do anonimato

O uso do indeterminante - *um* - enfatiza a idéia de um só indivíduo em contraste com a multidão de chineses. A falta de identidade é reforçada pela designação indefinida de seus pertences: “*uma jaqueta em uma das mãos e um embrulho na outra*, com ar de quem tanto podia ter saído de uma manifestação como estar a caminho do trabalho ou das compras”; o emprego de um reformulativo - “*ou seja*, um anônimo” – enfatiza o anonimato, após a sequência de indeterminações, culminadas pela adjetivação reformulativa. Sua nulidade também é reforçada pelo contraponto com a ideia de quantidade: “um oceano de um *bilhão de chineses*”, - a imagem hiperbólica serve para enfatizar ainda mais o anonimato.

Operação de determinação

Após ser reconhecido por suas ações, o desconhecido é identificado como *esse cidadão* - uma descrição definida e determinada, bastante produtiva como fundamento do Projeto avaliativo do enunciador.

Pelo processo coesivo da definição, o objeto passa a possuir as propriedades de uma determinada classe e a se constituir como o detentor dessas propriedades. Enquanto pelo nome próprio designa-se diretamente o referente que vai se apoiar no saber enciclopédico dos leitores, citam-se os usos de nomes próprios como: *Praça da Paz Celestial e Avenida da Paz Eterna* – referentes cujos conceitos semânticos permanecem estáveis na comunidade – a retomada por um demonstrativo, seguido de uma atribuição valorativa funciona como uma forma de recategorização, um novo enquadramento do referente.

O demonstrativo permite, assim, introduzir um novo olhar ao elemento dado no contexto; portanto, o termo já conhecido é trazido para a cena da enunciação e situado mais próximo do enunciador e do receptor. E por estar acompanhado ainda de uma adjetivação positiva,

- no caso, *cidadão* - a estratégia serve para reforçar essa atribuição. Ao tornar o objeto mais presente no contexto, o enunciador atua, de forma mais eficaz, transformando-a em foco principal da sua atenção.

Processos de caracterização

O processo de caracterização realiza-se de dois modos:

- por atribuição objetiva, pela indicação da cor da camisa *branca*, em contraste com a cor da calça, *preta*, ambas usadas como uniforme dos chineses trabalhadores e estudantes;
- pela indicação das ações dos referentes, apresentam-se o regime autoritário e o estudante; aquele, em contraposição a este, é descrito pelas suas ações negativas: “[...] com montanhas de cadáveres *reafirma sua tirania, reprimiu com pulso impiedoso* os estudantes da Praça da Paz Celestial”.

O texto narrativo prioriza, portanto, os processos de caracterização pela indicação das ações dos referentes. Por exemplo, no trecho “Durante seis minutos, na manhã da última segunda-feira, o homem da camisa branca *brincou de dançar com a morte*. Sozinho, em plena Avenida da Paz Eterna, ele *enfrentou uma coluna de tanques*”, constrói-se a figura do herói.

Essa caracterização heróica tem continuidade por meio de outros detalhes descritivos: “[...] de frente para o tanque que liderava a coluna, o cidadão desconhecido *parou uma fileira de 23 mastodontes blindados [...]*”; “[...] *continuou na frente do urutu chinês [...]*”. A descrição dos movimentos da *dança* também valoriza o anônimo desconhecido: “*O tanque tentou desviar para direita, o homem interrompeu a passagem. Voltou para o centro, lá estava ele de novo*”.

Ao final, há uma nova referenciação da cena, que é apresentada como um *balé letal*, em que se vê a ação do herói transformado em “*toureiro de tanques*”. Instaure-se a superioridade do cidadão anônimo perante o inimigo que é comparado a um touro na arena.

Destacam-se os modos de organização descritivo e narrativo do discurso, que permitem demonstrar o ponto de vista do enunciador em relação ao objeto construído. O texto encena a forma como o sujeito enunciador posiciona-se frente ao objeto construído no texto, por meio de várias operações discursivo-enunciativas, destacando-se a “colocação em cena” de uma luta desigual, mas com destaque para a supremacia da coragem e da inteligência frente à força bruta.

Conclusão

Como se pôde ver, a construção do texto é o resultado de uma operação discursiva estratégica. Nesse processo, a reconstrução do sentido não se acha garantida apenas pela sequenciação dos elementos, em um determinado gênero textual, embora seja esse o aspecto mais visível do texto, mas se dá no nível da enunciação, como fruto de uma múltipla e complexa conexão entre várias operações discursivas, ativadas toda vez que ocorrem eventos interativos.

O ponto de vista adotado procurou abranger o que a análise discursiva do texto denomina de problematização do sentido ou de interpretação de texto em função de operações estratégicas realizadas pelos sujeitos enunciadoreis. Tal perspectiva consiste em compreender e analisar a *significação textual* em função da reconstrução de um *referente externo e da identidade* dos contratantes do ato comunicativo, isto é, o processo da interpretação é feito a partir do projeto de influência do sujeito enunciador sobre o sujeito receptor em uma determinada situação sócio-comunicativa em que se dá o discurso.

Propõe-se, também, que, em vez de se analisar a linguagem como portadora de um conteúdo proposicional, deve-se evidenciar sua natureza dialógica e acional, construtora de imagens de identidades sociais, uma vez que coloca em cena, além de valores informativos (referenciais), conceitos extralinguísticos e dados sobre ações dos participantes do ato comunicacional, processos esses que, desvendados, acarretam mudanças na significação.

A compreensão global de um texto, por sua vez, vai derivar do *contrato de comunicação* vigente para o gênero discursivo e do reconhecimento da situação e do *projeto de fala* do emissor, captado como tal e aceito pelo receptor (Charaudeau, 2005). Para esse Autor, um texto é o resultado de uma combinação de múltiplos fatores de naturezas diferentes que se situam além dos sistemas da Língua. Portanto, consideram-se os fatores de ordem interacional, que constituem o sentido do texto e as operações linguístico-discursivas, presentes nos processos de transformação e de transação que possibilitam transformar a Língua em Discurso. A descodificação de tais processos torna-se fundamental para a compreensão e a produção de textos, uma vez que são parte do Sistema, mas acionados somente em uma situação interativa.

Com esse enfoque do texto como um ato comunicativo, o ensino pode contribuir tanto para uma conscientização do aluno acerca das estratégias linguístico-discursivas, envolvidas na construção dos sentidos, como para direcioná-lo a uma leitura ou produção textual autônoma e a um posicionamento mais crítico em relação à realidade.

Referências bibliográficas

BERNARDEZ, E. *Introducción à la linguística del texto*. Espanha: Espasa-Calpe, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho Dias. *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996. p. 05-35.

_____. Uma teoria semiolingüística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M.A.L & GAVAZZI, S. (Orgs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-29.

_____. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

MARCUSCHI, L. A. *Interação e sentido literal*. Encontro Nacional da AN-POLL, Macció: ALA, 2004.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – TERCEIRO E QUARTO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL. Brasília: SEF, MEC, 1998. p. 18.

VAN DIJK, Teun A. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1992.

Resumo

Este artigo apresenta algumas reflexões sobre a situação do ensino de Língua Portuguesa no Brasil, considerando-se a inadequação de algumas metodologias de ensino de gramática que aplicam recursos de cunho meramente descritivo e/ou normativo, às quais pode ser atribuído o mau desempenho dos alunos em provas avaliativas. Dentre os principais problemas, há uma excessiva ênfase na descrição da metalinguagem como um fim em si mesma, em detrimento do estudo do texto como unidade básica de sentido e de interação. As propostas de mudança no ensino levam em consideração a complexidade da linguagem, sua natureza dinâmica nas variadas situações comunicativas e a necessidade de adoção de novas ferramentas no ensino de texto como discurso. A compreensão do texto como um todo organizado de sentido permitirá uma melhor compreensão dos mecanismos constitutivos da linguagem humana, possibilitando, enfim, a passagem da Gramática da Frase para a Gramática do Texto e do Discurso.

Palavras chave: texto; ensino; mudança; propostas.

Abstract

This article presents some reflections about the teaching of Portuguese language in Brazil, concerning the inadequacy of some methodologies of Grammar teaching, which apply merely descriptive and normative devices. To these methodologies could be assigned the low performance of the students in evaluative exams. Among the main problems, there is a great emphasis in the description of the metalinguistic function of language instead of a study of the text as a basic unit of meaning and interaction. The proposals of changing in the teaching of Portuguese language take into consideration the complexity of language, its dynamics in different situations and the need of adopting new ways of studying the text as discourse. The understanding of the text as an organized structure of meaning gives a better comprehension of the mechanisms of the

language, allowing the changing of Phrasal Grammar to Textual Grammar and Discourse.

Key words: text; teaching; change; proposals.